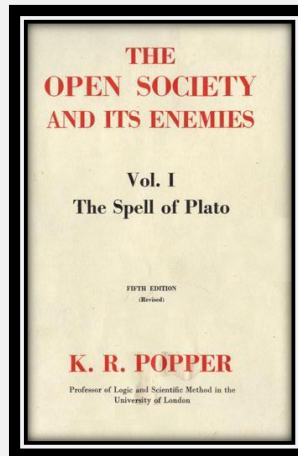


Introdução

Nas leituras modernas de Platão há uma caracterização corrente: o filósofo é sobretudo o criador de uma teoria epistemológica e metafísica que explica o nosso conhecimento com recurso à existência de Formas ou Ideias separadas do mundo sensível. De tal modo assim é que quase podemos dizer que, se a palavra "platonismo" tem hoje algum significado definido, este é o seu núcleo fundamental (cfr. Reeve, 2006: xi-xii). É também apresentado como um inimigo da democracia ateniense, mesmo se os académicos desdenham geralmente a leitura de Karl Popper. No entanto, qualquer que seja a interpretação preferida, o mais surpreendente é que em boa parte dos trabalhos académicos sobre a *República* a atenção dedicada à teoria das ideias leva a ignorar quase completamente a dimensão política e, por vezes, estes não se referem sequer ao assunto que dá o título à obra: *Politeia* ou Regime (e. g. Santas, 2006).

¹ José Augusto Colen é Doutor em Ciência Política e Relações Internacionais, Universidade Católica Portuguesa; Investigador Associado ao CEH, Universidade do Minho; Professor Visitante na UCP e Investigador Convidado do CESPRA da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. É também *Visiting Scholar* em Notre Dame University (Indiana, USA), onde está a trabalhar sob a orientação de Catherine Zuckert e Bolseiro da Fundação da Ciência e Tecnologia. Recebeu Prix Raymond Aron 2010 pelo livro *Futuro do político, passado do historiador: o historicismo no pensamento de Raymond Aron e de outros adversários – Isaiah Berlin, Karl Popper, Leo Strauss e Friedrich Hayek*. Publicou: *Voto, governos e mercados*, Lisboa: Moinho Velho, 2010; *Guia da Introdução à filosofia da História de Raymond Aron*, Lisboa: Editorial Aster, 2011; *Facts and Values: A Conversation between Raymond Aron, Leo Strauss, Isaiah Berlin and Others*, London: Plusprint Academia, 2012 e *The Early Moderns. The Wisdom of the Ancients*, Vienna, Epigramm, 2014 e *Platão Absconditus*, Lisboa, Editorial Aster, 2014. Prepara neste momento *Companion to Raymond Aron* (Palgrave) e um livro de inéditos de Leo Strauss para a University of Chicago Press.



Em *The Open Society and Its Enemies*, Karl Popper prepara os elementos do "caso" que ergue contra Platão em nome da democracia e do igualitarismo. A acusação de que o "programa" platónico é puramente totalitário e anti-humanitário, todavia, só pode sustentar-se se a abundância de referências que se encontra nos diálogos aos desejos de justiça, beleza, e verdade puderem ser explicados (Popper 2009: 94), motivo porque o moderno filósofo da ciência tenta desacreditar a argumentação platónica. No seu texto dedicado aos "filósofos reis", Karl Popper mostra como Platão se afasta do ideal socrático do amor da sabedoria ou da verdade que define a filosofia. Segundo Popper, em *República*, o Sócrates de Platão defende ostensivamente que um dos privilégios da arte "real" ou arte política é o uso da mentira e engano, não só com os inimigos mas com os co-cidadãos (um privilégio que no entanto deve ser reservado aos governantes), revelando que o critério final da ética política é a utilidade colectiva (*Idem*: 146).

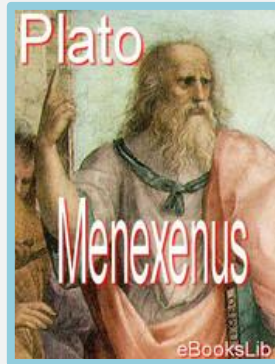
Nesta leitura, o governante é o médico do corpo doente da sociedade e o interesse do "Estado" sobrepõe-se aos do indivíduo, do berço ou do casamento ao túmulo. A mentira é útil como remédio e o governante não deve temer administrar fortes tratamentos quando necessário, nem os "filósofos-reis" se devem abster de usar grandes mentiras e enganos (*Idem*: 147). As piedosas mentiras ("lordly lie", *Idem*: 299) compreendem o mito dos metais e o mito do homem nascido da terra, histórias destinadas a parar todas as mudanças" (*arrest all change*), tanto sociais como políticas. Popper redenomina-o "mito do sangue e do solo" para sublinhar a afinidade com os totalitarismos do século XX. O mito seria introduzido depois de um longo "prefácio", destinado a defender duas ideias que Platão não esperava ver aceites pelos "leitores": primeiro que os guardiães são "autóctones", nascidos da terra e sempre

prontos para defender a terra pátria porque esta é a sua mãe; segundo que os homens têm diferentes naturezas ou "raças", de acordo com os metais de que estão feitos e que, estas naturezas são "quase-hereditárias" (*Idem*: 149). Estas "mentiras" não parecem, contudo, uma "ideologia" construída para iludir o povo em favor de uma *intelligentsia* iluminada, ao contrário do que sugerem outros críticos de Platão (e. g. Crossman, 1937: 130).

Popper reconhece que é discutível se a verdade é sempre a melhor política, mas sustenta que Platão se afasta do ideal socrático pois não afirma com clareza que a verdade é sempre mais importante que a política (Popper, 2009: 148). Claro que, como facilmente se observa, a verdade e a política nunca estiveram em boas relações e poucos contaram a "sinceridade entre as virtudes políticas" (Arendt, 1977: 223). A retórica parece ser uma parte indispensável da actividade na arena pública mas a retórica é neutra, i.e., pode ser tanto bem como mal usada. Reconhecemos, é certo, exemplos louváveis de oratória política – o discurso de Lincoln em Gettysburg, os de Churchill durante a II Guerra – que são obras-primas de retórica mas que consideramos algo mais que mera retórica (Griswold, 2012).

"Príncipes" ou estadistas do passado apelaram com visão às mais nobres ambições e ideais de um povo, mas os exemplos que nos ocorrem são hoje relíquias de uma "idade de ouro" (nas palavras que usa a VII carta, atribuída a Platão) e impossíveis no presente, dada a proverbial falta de liderança e, em qualquer caso, a eficácia da oratória deixa nos democratas um certo desconforto: o seu nome é associado à "propaganda" isenta de deveres para com a verdade (cf. Popper 2009: 137, 146-52, 299-302, 377-8). Desconforto que é tanto mais visível quanto vemos diariamente como os políticos descartam facilmente as promessas feitas aos cidadãos, pois a "mentira organizada" mina a capacidade de todos para julgar uma política (cfr. Tucídides, II, 37-41 e Popper 2009: 199).

Paradoxalmente a desconfiança que paira sobre o orador democrático era partilhada também por Platão. Platão apresenta uma querela entre a filosofia e a retórica, como uma querela de visões globais e mutuamente exclusivas, com importantes consequências éticas e políticas, que se revela de modo explícito no *Górgias*. Mas se *Górgias* deixa em Popper certa perplexidade, *Menexeno* é um enigma.



O enigma de Menexeno

Com efeito, é neste curto diálogo, *Menexeno*, uma espécie de peça complementar do *Górgias* (Dodds, 1980), que o Sócrates de Platão mostra os "perigos" da retórica através do exemplo, na elaboração de uma oração funerária. Popper acusa Platão de compor uma paródia demolidora da oração funerária de Péricles, uma pedra angular do imaginário da democracia ateniense, oração proferida meio século antes da data dramática de *República*. Popper cita extensamente, ao longo de mais de duas páginas, excertos do discurso (Tucídides, II, 37 ff., cf. Popper 2009: 101, 199), sublinhando que "embora *poucos possam formular uma política, todos são capazes de a julgar*" (sublinhado de Popper: cfr. *Idem* 199), que não é incompatível com o necessário debate e não impede o planeamento racional. Platão podia ter conhecido o discurso não só através de Tucídides mas de outras fontes (cfr. Kahn, 1963). Péricles, que segundo Popper não é inocente de algumas concessões populistas (como as leis da cidadania de 451 a.C.), pertence ao grupo de defensores do "individualismo igualitário" da Grande geração e o seu discurso transmitia um programa político que devemos acarinhar. Péricles mostra-se consciente de que o conteúdo da democracia não se esgota no mero princípio 'o povo governa', mas deve basear-se na razão e na confiança na bondade humana.

É pois muito mais que um panegírico de Atenas, a "Escola da Grécia", uma vez que contém um ataque ao tribalismo conservador de Esparta e à facção totalitária (i.e. oligárquica) de Atenas, algo semelhante a uma quinta coluna dentro da *polis* democrática, uma "Sociedade dos Amigos da Lacónia" (cfr. Gomperz 1902: BkV.13.3).

A importância do discurso para a democracia ateniense ficaria patente na própria sátira platónica: a "manifesta paródia contida no diálogo intitulado *Menexeno ou elogio*

fúnebre" (Popper 2009: 211 e nota 61). Aqueles que o consideram apócrifo não fazem mais do que revelar a nossa tendência para idealizar Platão. Ao contrário do que se diz habitualmente, sob a forma de uma réplica irónica ao elogio de Péricles, Platão revela neste diálogo "as suas verdadeiras intenções" (*Ibidem*). A sua intenção fundamental é seduzir os amigos da sociedade aberta, a cujos apelos ele mesmo não é insensível. Porque se mostra Popper ultrajado com o breve diálogo platónico?

Oratória e democracia: a crítica de Tucídides

Menexeno ressuscita, com efeito, alguns lugares comuns da oratória funerária ateniense num registo irónico. O juízo de Platão sobre a Atenas Imperial expresso em *Górgias* é o oposto da quase idolatria de Tucídides pela figura olímpica que preside longos anos ao império de Atenas, que se estendeu sobre mais Gregos do que qualquer outra cidade grega (Tucídides II.64.3), tornando terras e mares acessíveis à ousadia ateniense (II.41.4), um império que, como a tirania, parece tão perigoso de empreender como difícil de abandonar. A sólida fundação da grandeza de Atenas que suscita paixão (*erastai*) pela cidade e seu poder (II.43.1) é um amor que justifica o sacrifício da própria vida (cfr. Kahn 1963). A crítica platónica, segundo outros académicos, tem como referência não só a apresentação literária de Tucídides (cf. II.65), mas os sentimentos de alguns Atenienses como Aristófanes que ajuízam de modo diverso o império de Péricles. Na data presumível da composição de *Menexeno*, a publicação de Tucídides seria um evento recente e a oração funerária que o diálogo contém seria imediatamente reconhecida pelo que era: uma diatribe contra a glorificação do imperialismo.

Popper não está entre os defensores da expansão imperial, mas indigna-se ao menos com o que considera "flagrantes mentiras" no que toca à história de Atenas e descobre aí uma prova clara do conteúdo satírico do diálogo. Com efeito, ao menos três "grandes" distorções aparecem no *encomium* inicial de Atenas que requerem explicação, mesmo se decidirmos ignorar muitos "lapsos" menores (cfr. Kahn 1963): em primeiro lugar, a descrição do regime ateniense (i. e., a sua constituição) como uma aristocracia; depois, a completa omissão do império do século V a. C.; enfim, a insistência quase gritante na hostilidade para com a Pérsia durante a Guerra de Corinto (quando, de facto, nesta guerra Atenas luta contra Esparta com a Pérsia como aliado).

Mais irónico todavia é o futuro reservado ao diálogo que, no tempo de Cícero, seria recitado anualmente em Atenas como uma peça séria (Cícero, *De Orator.*: 44, *apud* Méridier 2003: 76). Se Karl Popper reconhece acertadamente a "paródia", a intenção de Platão poderia muito bem ser, em compensação, apenas a de mostrar os perigos da "adulação" implícita na retórica populista, não necessariamente o endosso da "autoctonia" dos cidadãos. É certo que Platão parece ridicularizar no texto a democracia ateniense, onde o Povo não governa realmente, nem sequer escolhe os melhores por eleição, pois a regra é o sorteio, mas não é menos evidente uma certa defesa do "pan-helenismo", que implica um horizonte cultural senão cosmopolita mais vasto que a cidade.

Há todavia uma divergência fundamental entre Popper e Platão, que nenhum debate sobre os méritos e deméritos da "grande geração" ou a "traição" de Sócrates por Platão. Como regra, até há pouco, os modernos filósofos desde as Luzes que ignoram a retórica como problema. Como os homens "vulgares", digamos o "homem de Missouri" de Melville, os filósofos também suspeitam da retórica, como esta é normalmente praticada e lamentam a redução do discurso público à mera demagogia. Preferem evitar a retórica em favor de um debate cuidadoso e bem argumentado. Mesmo se os classicistas mantiveram viva a chama do estudo da retórica, a presente reabilitação surge como parte do problema de "comunicação" que aflige as teorias da democracia, incluindo a democracia deliberativa, que continuam a colocar a forma acima do conteúdo.

Debate racional, populismo e cosmopolitismo

A desvalorização da oratória pública é também aparentemente a visão dominante de Platão sobre a retórica no *Górgias*, uma visão que se tornaria muito influente e marcou a agenda de toda a tradição subsequente (Popper 2009: 182). Mas, enquanto Aristóteles dedica um tratado sistemático ao assunto, defendendo uma retórica "salutar" baseada no *ethos* e no *logos* do orador, os diálogos platónicos são mais misteriosos. Os diálogos de Platão sugerem, com efeito, que a retórica, mesmo se deve ser regulada pela filosofia, tem um papel importante a desempenhar, mas tal papel é problemático porque os argumentos racionais devem ser conduzidos em conversas individuais mas o governo democrático requer discursos públicos capazes de fazer apelo às emoções "dos muitos", ou do povo. Mesmo se os filósofos algum dia fossem reis continuariam a necessitar de "mitos" e de belos discursos

para persuadir os guardiães, para que estes por sua vez usem o seu poder sobre o povo.

Esta é a solução proposta (seriamente ou não) em a *Republica*. Tal solução não é aceitável na política contemporânea, pois acreditamos no universal *Enlightenment* e na possibilidade da persuasão racional de todos. Todos devem ser envolvidos na deliberação pública como iguais. Ao mesmo tempo, acreditamos que o carácter dos líderes políticos não deve contar, ou que é apenas um perigo a evitar. "Os governantes raramente estão acima da média, quer moral quer intelectualmente, e normalmente abaixo da média" (Popper 2009: 130). E são movidos apenas pelos seus interesses e agendas próprios, muito afastados do dito homem "vulgar".

Em suma, a retórica é actualmente ignorada ou suspeita, tanto porque foi substituída pela educação universal dos cidadãos, como por causa da queda dos príncipes ou dos seus modernos sucessores, os representantes democráticos. Se tal lacuna na filosofia política é sensata ou não, em face das presentes tendências populistas e nacionalistas, é uma questão que a leitura de *Menexeno* de Platão nos força a repensar. A leitura que Popper faz dos diálogos platónicos é certamente questionável (cfr. Bambrough 1967, Field 1944, Ryle, 1948), mas ao menos não ignora a sua dimensão política e reconhece a ligação entre o problema da oratória democrática e a antinomia entre cidadania e cosmopolitismo que perpassa todo o texto, em termos tão cómicos como profundamente sérios.

Referências bibliográficas:

Arendt, Hannah (1977). "Truth and politics" in *Between Past and Future*, London: Penguin Books.

Bambrough, J. Renford (ed.) (1967). *Plato, Popper and Politics. Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge and New York: Heffer and Barnes and Noble

Crossman, R. H. S (1937). *Plato To-day*, London: George Allen and Unwind (2nd reprint).

Field G. C (1944). "On misunderstanding Plato", *Philosophy* 19, pp. 49-62.

Gomperz, Theodor (1902). *Greek Thinkers*, London.

Griswold, Charles L. (2012). "Plato on Rhetoric and Poetry", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring Edition), Edward N. Zalta (ed.),

URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2012/entries/plato-rhetoric/>>.

Kahn, Charles H (1963). "Plato's Funeral Oration: The Motive of the Menexenus", *Classical*

Philology, Vol. 58, No. 4 (Oct.), pp. 220-234.

Méridier, Louis (2003). *Platon. Oeuvres complètes, Ion, Ménexène, Euthydème*, Paris: Les Belles Lettres.

Popper, Karl (2009). *The Open Society and its Enemies*. Vol. I: *The Spell of Plato*, London and New York: Routledge (orig. ed. 1945, revisions and addenda in 1951, 1957, 1961 and 1965).

Reeve, C. D. (2006). *Philosopher-Kings, The Argument of Plato's Republic*, Cambridge: Hackett Pub.

Ryle, Gilbert (1948). "Review of K. Popper, *The Open Society and its Enemies*", *Mind*, pp. 167-172.